

LINS, Osman — **Guerra sem Testemunhas.** São Paulo, Martins Editôra, 1969, 285 pp.

“Escrever, para mim, é um meio, o único de que disponho, de abrir uma clareira nas trevas que me cercam. (...) Sem experiência, decerto, não há conhecimento. Contudo, pelo menos no meu caso, mesmo o conhecimento obtido pela experiência é desordenado e informe. Só o ato de escrever me permite sua ordenação; portanto, escrever se me apresenta como a experiência máxima, a experiência das experiências. Minha salvação, meu esquadro, meu equilíbrio.”

Testemunho insofismável dessa afirmação feita por Osman Lins, em recente entrevista¹, esta sua última publicação, GUERRA SEM TESTEMUNHAS (nono título de sua obra) apresenta-se-nos como um painel vivo e atualíssimo da complexa teia que envolve as relações escritor-obra-público. Depois de O FIEL E A PEDRA e NOVE NOVENA, com êste volume de ensaios, Osman Lins se reafirma como um dos escritores mais atuantes no cenário intelectual brasileiro; escritor que, consciente de sua responsabilidade no processo evolutivo de sua sociedade, se empenha não só no específico *ato de criar literatura* (nas áreas da ficção e do teatro), como também no da *atividade crítica* (artigos de imprensa, conferências, entrevistas...) dirigida aos problemas essenciais ligados ao escritor e sua condição, frente a si mesmo e à realidade social que o cerca.

Exigente e lúcido esforço de análise e de síntese, GUERRA SEM TESTEMUNHAS apresenta de imediato uma dupla significação: é, simultaneamente, uma solidária e corajosa mão estendida aos contemporâneos (leitores, não-leitores, críticos, homens de negócios, estudantes e principalmente jovens escritores) e um eloqüente testemunho de uma das mais sérias crises que a cultura atual enfrenta: a da sobrevivência da literatura no seio das “sociedades do consumo”.

Interrogando a própria consciência e o mundo com que está em estreitas e irredutíveis relações, Osman Lins lança-lhes um desafio: que resistam e respondam ao seu cerrado questionar. Qual o papel do livro na vida do homem? o que é o “segredo ato de escrever”? O que determina no homem sua qualidade de “escritor”?

“Seria propícia nossa civilização ao exercício da literatura? Encontraria afinal o escritor, com os novos meios de comunicação, o acesso amplo à sua obra? Cabia-lhe conquistar os postos de

(1) Entrevista concedida a Esdras do Nascimento, in Suplemento Literário de “O Estado de S. Paulo”, 24/mayo/1969.

mando e orientação? Teria condições para afetar, com seus escritos, os rumos da História?”, etc., etc., etc. Estas e mais de uma dezena de questões similares são debatidas argumentadamente ao longo das páginas desta “guerra sem testemunhas”...

Numa linguagem direta, fluente, viva Osman Lins dialoga com seu leitor e consigo mesmo, desvendando corajosamente os “bastidores” de sua personalidade de escritor. Com relação a êsse “diálogo”, alicerçado em autenticidade e calor humano, é curioso observar a interferência do ficcionista na atuação do ensaísta. Como recurso estilístico do processo narrativo escolhido, Osman Lins cria um “parceiro”, com o qual decide dividir “a plenitude e o pêso do pronome “eu””; e assim concretizar a dualidade do próprio eu em duas personalidades distintas, mas indissociáveis, Willy Mompou (o próprio Osman Lins) e o “outro”, a “outra voz, outra boca”, “outra figura, um cúmplice”.

“A voz estranha — cobra sem dentes — enrola-se em minha língua, nova cabeça apareceu no meu ombro, com quatro olhos contemplo — ou contemplamos? — o relógio e a distante massa de edifícios ainda envolta em névoa, outro homem saltou de dentro do meu corpo, está dentro de meu corpo, está contra a parede, debruçada à mesa, de frente para mim, tem meu rosto e meu nome, e inflma parcela do que sou, e observa-se a mim, Willy Mompou, que também o espreiro.” (p. 16)

Aí temos, pois, o ficcionista que engendra uma situação extremamente coerente com o tratamento a ser dado pelo ensaísta à problemática nuclear do livro. No entanto, se não incorremos em erro, a impressão que nos fica ao final da leitura é que êsse artifício narrativo, tão engenhosamente criado, não entrou no livro com o pêso que seria lícito esperar, ou por outra, ficou como uma personagem em que se pressente um mundo de vivências, mas que não chega a ser revelada como mereceria.

É possível que no plano inicial do livro, êsse “desdobramento” do escritor tivesse tido realmente importância na economia narrativa... depois, com as inevitáveis modificações que as sucessivas redações foram acarretando (a “guerra sem testemunhas”), acabou se tornando superfluo, uma vez que o próprio Osman Lins em seu árduo questionar revela clara e sagazmente a própria dualidade, sem necessitar do “outro”: revela hábilmente as duas faces com que nos defrontamos (sêres bifrontes e incertos que somos!) em tôda a busca essencial, desde que não nos fechemos estêrilmente em nossa verdade, considerada como absoluta.

Em dois ou três capítulos, entretanto, o “desdobramento” planejado dá o valor básico da narrativa. Nesse sentido, veja-se por exemplo o cap. III, “O Escritor e a Vocação”, onde o processo alcança um de seus melhores resultados. Trata-se do momento em que Willy Mompou vai fazer uma conferência na Escola de Belas-Artes. Sem o “artifício” usado para dramatizar o relato, dificilmente seria conseguido, no grau em que o foi, o trágico-cômico desmascaramento das estúpidas e grotescas convenções que regem determinadas relações humanas. E nessa denúncia, o que nos pareceu mais doloroso, ao chegarmos ao final

(depois de W. M. ter falado para uma sala vazia e ter sido convidado reiteradamente para voltar...) foi o fato de sabermos que, descontado o óbvio aspecto caricatural do relato, Osman Lins registrara uma irredutível verdade.

Note-se, porém, que essa relativa gratuidade do recurso mencionado não diminui em nada o alto nível estilístico em que se mantém o livro, da primeira à última página. Inteligente, ordenado e obsessivo perpassar de problemas que Osman Lins perscruta sob todos os ângulos, GUERRA SEM TESTEMUNHAS oferece-nos, pois, uma revisão dos problemas mais atuais e agudos que se colocam ao escritor no mundo de hoje, neste mundo em acelerado processo de mecanização e massificação, onde o *criador* está sendo esmagado pelo *produtor* e onde a sobrevivência da própria literatura está sendo posta em questão, em face dos novos meios de comunicação visual-auditivos.

Um por um, todos os elementos essenciais que diretamente ou não se ligam à problemática escritor-obra-leitor, são analisados por uma visão em que se fundem uma experiência pessoal madura e vigilante e uma cultura inteligentemente manipulada. Assim, nestas duzentas e tantas páginas de uma verdadeira “guerra sem testemunhas” (que é a do escritor em face de si mesmo e do mundo), o leitor tem sua reflexão sacudida, solicitada para problemas que êle, via de regra, desconhece ou que lhe surgem indiferentes, embora não o devessem ser: que é o “ato de escrever” para o escritor? quem é o “escritor”? o que pretende com sua criação? que atitude espera êle de seu leitor? quais as vinculações do “escritor” com seus elementos interiores (= vocação; aspirações; dúvidas; plenitude; revoltas...)? e com os exteriores (= a máquina editorial; o livro; o público; a crítica; a sociedade; a política...)? afinal, em que consiste o “ser moderno”?...

“...ser moderno não significa que devemos contrair as enfermidades de nosso tempo. Isto seria tão fora de propósito quanto ser antigo-formas, uma e outra, de subserviência. O homem tem o dever de ser moderno, no sentido de estar vigilante, numa atitude ativa, crítica, ante a época em que vive. Haverá de discernir, frente à realidade que lhe coube, os mananciais da vida e não deixar-se minar pelas negações reinantes.” (p. 262)

Assim, ao homem inconsciente ou perplexo, nulificado pelo acelerado transformar-se tecnológico de um mundo que, olhado na superfície lhe parece absurdo, Osman Lins contrapõe o homem que, em suas fundas relações com aquele mesmo mundo, busca sua significação vital e a justificação de seus atos. Ao extremado individualista solitário, é oposto o homem solidário que olha em tórno e procura *ver* realmente os valores positivos e negativos que o cercam.

Através de todo o longo percurso de indagações, perplexidades, hipóteses e respostas, GUERRA SEM TESTEMUNHAS dá-nos, em corpo inteiro, a personalidade dinâmica e consciente que a nossa época vem colocando como ideal a ser atingido: o homem, não mais definido apenas em função de suas qualidades ou defeitos, mas, principalmente, por suas aspirações e ideais, projetados dinamicamente em função da evolução que se processa ao seu redor. Ao homem definido por seus li-

mites objetivos, contrapõe-se agora o homem que se constrói, consciente e gradativamente auscultando suas potencialidades subjetivas. Ao homem que aceita passivamente os valores hedados ou ao que cegamente se lança contra êles, substitui-se aquêlê que critica, seleciona; aquêlê que, incansavelmente, se lança na reconstrução dos valores desgastados, porque acredita na vida e nos homens e sabe que no seu universo cada ser tem uma função a cumprir.

Dessa interpretação do homem e da vida, está impregnada a dimensão de grandeza que Osman Lins empresta ao escritor: ser vigilante e dramático, que identificou o *ato de escrever* ao *ato de viver*, e que, muito antes dos demais, vê nos fenômenos e coisas novas e insólitas faces. Consciência sempre alerta para a mutação das realidades, eis a sua função.

“Nem sempre ouvem os homens a própria consciência, mas, se têm consciência, ainda não lhes sobreveio a morte interior. Por mais corrompidos que sejam em seu comportamento, resta em seu íntimo um *núcleo vital* que nunca emudece (...). O escritor, na sociedade, representa essa voz, êsse rumor; é uma força espiritual, a consciência de um momento, a secreta lucidez de um povo.” (p. 270)

Daí sua grandeza e sua miséria: apreender intuitivamente as novas realidades que iluminarão de maneira diferente o mundo e... expressá-las racionalmente para que possam ser conhecidas tal como foram intuídas. Aí está, sem dúvida, uma das múltiplas faces da “guerra sem testemunhas”...

Apoiado em uma cultura fundamente vivenciada e em sua própria experiência, amadurecida numa auto-vigilância que se pressente exacerbada e constante, Osman Lins vai tentando encontrar soluções às questões propostas.

Concorde ou não com as soluções aventadas, considere ou não importantes e essenciais ao homem, os problemas equacionados, a verdade é que nenhum leitor sairá da leitura de GUERRA SEM TESTEMUNHAS sem ter sido tocado por ela... Poderá não aderir à posição assumida por Osman Lins, mas indiferente a ela, dificilmente poderá permanecer.

Ao levarmos em consideração as três fases que, segundo o ensaísta, marcam a vida de um escritor: a da “procura desnordeada”, a “intermediária, de formação” e a “fase do encontro e da harmonia”... sem nenhuma hesitação classificamos esta GUERRA SEM TESTEMUNHAS, como fruto da terceira. Pois, em última análise, o que nos oferecem os seus ensaios é uma atitude em face do Homem e do Mundo, cuja integridade e lucidez só a madura experiência e reflexão podem trazer.

Em meio à morna e indisfarçável indiferença que existe em relação à verdadeira essência, ao âmago real das coisas e dos fatos (tão fácil é contentarmo-nos com as aparências...) GUERRA SEM TESTEMUNHAS vem revelar ao leitor uma personalidade intelectual incansavelmente distendida na busca da verdade. Não da verdade absoluta, mas daquela relativa às várias etapas e momentos da vida humana,

em um setor específico: o cultural. E ao cabo da arguta procura, uma verdade básica é apontada:

“a condição de escritor, antes, será a de um perpétuo combatente, a de um homem sempre em luta consigo próprio e com um mundo que jamais o aceita integralmente, que nunca poderá aceitá-lo.” (p. 276)

Em que sentido são afirmadas essas palavras? Até que ponto teriam razão? Aí está, nessa recente publicação, o depoimento de Osman Lins para esclarecê-lo... e para ser meditado... Oxalá suas palavras não caiam em terras vãs...

NELLY NOVAES COELHO